

DE JAMES BOND A JAIME BUNDA: A SUBVERSÃO PELA PARÓDIA

Érica Antunes Pereira¹

RESUMO

O artigo refere-se ao romance angolano *Jaime Bunda, Agente Secreto*, de Pepetela, assinalando a presença da paródia na relação da referida obra com a fórmula do gênero policial para consumo de massa. *Jaime Bunda, Agente Secreto* ultrapassa as raias da trivialidade e o faz transitando pela paródia. Nada, na obra, parece fincar-se na casualidade; a simbologia e os entrelaçamentos se tornam evidentes à medida que a narrativa ocorre, num enorme espetáculo de entrelinhas. Os aspectos políticos, embora se apresentem de modo conturbado, parecem ser a tônica da obra, bem ao gosto de Pepetela.

Palavras-chave: literatura angolana, romance, pepetela, *jaime bunda*, *agente secreto*.

Primeiros contatos a que se seguem algumas discussões

Não são raros os que, ao ouvirem o título *Jaime Bunda, Agente Secreto*, de Pepetela, dão um sorrisinho irônico, já rememorando parodicamente o famoso James Bond, o 007, que habitou, com suas parafernálias salvadoras, os sonhos encantados da juventude nos cinemas.

Não bastasse o título, a capa: as generosas nádegas da personagem são exibidas com a graça de quem não se preocupa nem um pouco com a aparência. Mas a lupa... lá está ela, bem firme na mão do rapaz, e o olho, muito vivo, salta da lente como se afrontasse o leitor.

Quem já conhece outras obras do autor se assusta num primeiro momento, mas, logo em seguida, as marcas do estilo pepeteliano começam a aparecer:

Quando analisamos a obra de Pepetela, procuramos vê-la nos gestos de seus atores, sejam eles personagens, narradores e as marcas

¹ Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e supervisão da Profa. Doutora Simone Caputo Gomes para o desenvolvimento do projeto “Travessias atlânticas: a literatura de Cabo Verde lê o Brasil”. E-mail: erica.antunes@gmail.com

implícitas do próprio autor. Seus heróis são paradigmas que não se circunscrevem apenas a Angola. Apresentam na verdade modelos de conduta extensíveis à condição humana – um paradigma do homem em geral em sua história e no seu impulso de transformação (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 240).

O romance se apresenta dividido em quatro “livros” acrescidos do “prólogo” e do “epílogo”. O autor ficcional se incumbe do “prólogo”, mas, não satisfeito, interfere nada menos que quatorze vezes no “livro do primeiro narrador” e, em seguida, demite-o sem piedade, “irrevogavelmente” (PEPETELA, 2002, p. 131). Contrata, então, Malika, uma das personagens, para tecer o “livro do segundo narrador”. Escrito este, o autor ficcional dá por concluída a participação da moça e recontrata o primeiro narrador, proporcionando-lhe, assim, uma “segunda oportunidade na vida” (PEPETELA, 2002, p. 167), mas o despede novamente logo depois de concluída a tarefa. Tem voz, assim, outro narrador, que tece o “quarto livro” em terceira pessoa e, por fim, o autor ficcional “dispensa narradores e pega de novo na palavra” (PEPETELA, 2002, p. 311), escrevendo o “epílogo”. Sobre a trama, como bem observa Carmen Lucia Tindó Secco,

há duas estórias: a do crime e a do inquérito; porém, esta não é narrada por um amigo do detetive, e, sim, por uma polifonia discursiva que alterna as vozes de quatro narradores, todos falseadores e despistadores do assassinato inicial. A estória deste é apresentada no Prólogo por um 'pseudo-autor', ou seja, um 'autor ficcional' que comanda os quatro narradores e, ao mesmo tempo, se esconde e se revela, sendo marcado o seu discurso em itálico e entre colchetes, toda vez que faz uso da palavra (SECCO, 2003, p. 128).

Por serem divisadas duas estórias, valemo-nos da definição de que “a novela criminal conta a história de um crime”, ao passo que “a novela de detetive, a história do esclarecimento de um crime” (KOTHE, 1994, p. 106), para afirmarmos, em seguida, que *Jaime Bunda, Agente Secreto* não pode ser tomado tão-somente como romance policial ou de detetive. Com relação à trivialidade, caracterizada pela aparente inovação da “estrutura superficial” com a reprodução da “estrutura profunda” (KOTHE, 1994), a obra ultrapassa e o faz transitando pela paródia. Isso porque o romance, ao tratar de questões que envolvem aspectos da realidade, torna extremamente difícil qualquer julgamento maniqueísta, gerando uma espécie de “ambiguidade primeira”, em que “a metamorfose do desencanto, a impotência do justo e a provável não-punição dos maus”

(KOTHE, 1994, p. 94) não são evidenciadas de modo caricato ou simplista. Desta forma,

é exatamente a paródia – esse formalismo aparentemente introvertido – que provoca, de forma paradoxal, uma confrontação direta com o problema da relação do estético com o mundo de significação exterior a si mesmo, com um mundo discursivo de sistemas semânticos socialmente definidos (o passado e o presente) – em outras palavras, com o político e o histórico (HUTCHEON, 1991, p. 42).

Ao analisarmos as ideias de Kothe e de Hutcheon em conjunto, podemos inferir que, embora *Jaime Bunda, Agente Secreto*, em princípio, tudo tenha para ser considerado uma das manifestações da literatura trivial, não o é graças à valorização contrastiva do estético e do real. Melhor explicando, a paródia não se caracteriza, necessariamente, literatura trivial, pois que

parece oferecer, em relação ao presente e ao passado, uma perspectiva que permite ao artista falar para um discurso a partir de dentro desse discurso, mas sem ser totalmente recuperado por ele. Por esse motivo, a paródia parece ter se tornado a categoria daquilo que chamei de 'excêntrico', daqueles que são marginalizados por uma ideologia dominante (HUTCHEON, 1991, p. 58).

Discorrendo sobre a paródia e a polifonia bakhtiniana, João Vianney Cavalcanti Nuto, em artigo publicado na internet, afirma que “a paródia procura mostrar, pela ridicularização ou por meios mais sutis, que o narrador crítica ou, pelo menos, ironiza o estilo e a visão de mundo do discurso parodiado”, enquanto as vozes estilístico-ideológicas podem ser refratadas pela intenção do narrador, de modo que “essa refração parece tanto mais acentuada na estilização paródica, em que existe dissonância entre o tipo de discurso estilizado e sua elaboração pelo narrador”.

Daí resulta a permissão para, em pleno acordo com Carmen Lucia Tindó Secco, afirmarmos pela carnavalização de gêneros em *Jaime Bunda, Agente Secreto*:

Os "falsos romances policiais" contemporâneos se afastam dos textos de suspense e enigma, à Sherlock Holmes. Efetuam uma carnavalização do gênero, que visa, com irônico humor, a assinalar a dispersão e a banalização de crimes e detetives em tempos neoliberais, onde, em muitos países, a corrupção é generalizada e instituída por poderes paralelos e, até mesmo, centrais (SECCO, 2003, p. 125).

Vale lembrar que nada, nessa obra, parece fincar-se na casualidade; a simbologia e os entrelaçamentos se tornam evidentes à medida que a narrativa ocorre, num enorme espetáculo de entrelinhas. Mas não nos percamos de vista e observemos uma coisa de cada vez, a começar pelo enredo.

Saltando do crime para a corrupção e a política

Os detalhes, no romance, são muitos e as tramas intrincadas, de modo que resumí-lo é uma tarefa que foge às nossas pretensões. Em lugar disso, optamos por discutir alguns aspectos que nos saltaram aos olhos e se despertaram dignos de reflexão. A obra se inicia com o destacamento de Jaime Bunda para investigar o caso de Catarina Kiela Florêncio, uma garota de quatorze anos encontrada morta entre os mangais nos arredores de Luanda. Tal acontecimento, com o correr da narrativa, torna-se mero pretexto para, como é do estilo de Pepetela, discutir os percalços angolanos por meio de denúncias de manobras políticas que conduzem à corrupção.

Jaime Bunda, que, desde os tempos escolares aparece ridicularizado por suas enormes nádegas que lhe impediam o bom desempenho nas competições de vôlei, valendo-lhe o apelido adotado desde então, pode ser visto como o retrato da impotência do sistema. Entre todos os detetives da corporação, foi destacado um estagiário, fato que já produz uma certa desconfiança: trata-se de um crime de menor importância ou, ao revés, tão valoroso que há interesse em que não seja descoberta a autoria? Ou será, ainda, uma forma de demonstrar as qualidades profissionais do moço que pertence às famílias tradicionais e, assim, justificar e garantir o poder? Esta ideia é reforçada pelo fato de ser revelado, pouco adiante, o parentesco do detetive estagiário com o D. O., Diretor Operativo, condição evidente para o acesso facilitado aos órgãos do setor público e aos cargos de alto escalão: “D. O. mandou recrutá-lo, evitando as formalidades da praxe. Depois de admitido fazia os testes e os treinos, abaixo a burocracia que impede o combate eficaz do crime” (PEPETELA, 2002, p. 14).

O ingresso de Jaime na repartição, aliás, é ridicularizado pelos colegas, chegando, mesmo, o chefe imediato, Chiquinho Vieira, a afirmar “que só o mantinha no serviço porque recebia ordens do D. O., o Director Operativo. Mas que não tivesse ilusões, por ele nunca passaria de estagiário” (PEPETELA, 2002, p. 15). Assim, a

participação da personagem é praticamente nula e, não raras vezes, destoa do ofício que ocupa, como nas ocasiões em que o mandam comprar cigarros ou permanecer sentado na mesma cadeira encostada na parede, por sinal, a última.

Não bastasse a alcunha e as facilidades na admissão, a personalidade do estagiário é moldada como de menor potencial, beirando a idiotia, segundo a visão dos demais. Isso porque, ao realizar as primeiras investigações no "caso Catarina", Jaime quis saber, por exemplo, quantas vezes a menina havia sido violada e insistiu na hipótese de o crime ter acontecido via barco quando se sabia que Catarina foi vista, pela última vez, pegando carona num carro preto e grande.

Outro dado que merece referência é o nome escolhido para o protagonista. Além da fatal semelhança irônica ao famoso detetive James Bond, “um James Bond subdesenvolvido” (PEPETELA, 2002, p. 120), por certo, a origem etimológica de “Jaime” remonta ao hebraico *Iakob, Jacó*, bíblicamente representado como o que vence, o que supera e gosta de ser útil, generoso, tendo sempre a solução para os problemas. E, de fato, Jaime Bunda se mostra cheio de vontade de apresentar serviço, de resolver o caso que lhe confiaram, numa talvez ingênua justificativa para sua estada num organismo público há tanto tempo sem sequer ter prestado concurso. Por outro lado, a performance da personagem o encaminha para um fadado fracasso: são as nádegas, a incrível dificuldade de se levantar, as pistas deslocadas, o apego excessivo à comida, a submissão aos caprichos da namorada que só mantinha o relacionamento por interesse, além do fato de se gabar de uma “sapiência” risível em não poucas ocasiões, como em “nunca ouviu dizer que dura lex sede lex, quer dizer, a lei dura muito e tem sede de lei? Frase do Aristóteles!” (PEPETELA, 2002, p. 24-25) e em “com a verdade me enganas, como dizia o poeta espanhol Kirkegaard, já ouviu falar?” (PEPETELA, 2002, p. 26), Jaime Bunda, assim, apresenta faces paradoxais, ora pendendo para o burlesco, ora para o centramento intelectual, como nota o chefe Chiquinho Vieira: “Este tipo ainda é mais parvo do que eu julgava. Ou então não é nada parvo, mesmo nada parvo, só disfarça” (PEPETELA, 2002, p. 15).

Disfarçando ou não, o fato é que Jaime, seguindo uma pista desconexa para encontrar o autor do homicídio de Catarina, esbarrou numa enorme cadeia de corrupção que, embora não seja desvendada em sua integridade, está contida nas entrelinhas, sugerida, por exemplo, nas passagens “foi crescendo e descobrindo primeiro na

literatura e no cinema, depois na vida, que havia polícias delinquentes, corruptos, sem se diferenciarem nada dos bandidos” (PEPETELA, 2002, p. 87) e “espero que um pássaro cague o carro do ministro, o que também não adiantava muito, se a pintura começasse a ficar com defeito logo ele mudava de carro, para isso serve o orçamento do Estado” (PEPETELA, 2002, p. 116).

Outra característica marcante no estagiário é a idolatria aos Estados Unidos desde a literatura (cita Perry Mason, Spilane, Raymond Chandler, Stanley Gardner, Highsmith, Stephen Kane, Dashiell Hammet, James Ellroy e Conan Doyle que, mesmo sendo inglês, escrevia em inglês) até os carros e estratégias adotadas pela polícia de lá. Esse quase orgulho demonstrado por Jaime em relação aos Estados Unidos no romance lembra, ainda que indiretamente, a luta pelo poder entre dois dos partidos angolanos desde a independência de Portugal: a UNITA (União Nacional pela Libertação Total de Angola), comandada por Jonas Savimbi, e o MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola), liderado por Agostinho Neto. O partido de Savimbi, vale recordar, era apoiado principalmente pelos Estados Unidos e pela África do Sul, enquanto o de Agostinho Neto recebia auxílio de Cuba e da antiga União Soviética. Embora não possamos, jamais, afirmar categoricamente que *Jaime Bunda, Agente Secreto* retome, de certo modo, a antiga contenda, é de se levar em conta que, na obra, duas polícias agem em tempos semelhantes: os SIG (Serviços de Investigação Geral), que “serviam de vigilante acima de todos” (PEPETELA, 2002, p. 20) e o Ministério do Interior.

Ao ressaltar as vantagens americanas em detrimento das cubanas ou soviéticas, poderá estar Jaime Bunda, ainda que de modo ingênuo e incosciente, reproduzindo o passado. Tantas são as referências e tão marcante é Pepetela na escritura de textos voltados à política que tais cogitações nos parecem pertinentes. À guisa de exemplo, vejamos a seguinte passagem: “Kinanga estudou técnica investigativa em Pinar del Rio, Cuba, Território Libre de América, como tinha orgulho de dizer. Não o diria ao visitante, pois este era dos SIG, admiradores declarados dos Estados Unidos” (PEPETELA, 2002, p. 27). Kinanga, se ainda não mencionamos, é o inspetor do Ministério do Interior e, até pelo nome, é possível inferir pela intencional nacionalidade emprestada ao organismo: *kinanga* ou *kimanga*, em quimbundo, quer dizer “espécie de cabaça ou vasilha em que se guardam objetos e na qual os jangadeiros levam comida

para o mar” (RIBAS, 1994) e, em geral, é nome que indica a descendência da Rainha Nzinga. Ainda sobre a União Soviética, Bunda reflete, criticando, de certo modo, o socialismo:

Será mesmo que Antero tinha dente de ouro? Pouco provável, nunca tinha estudado na União Soviética. Lá é que dente de ouro era o maior luxo de novo-rico, todo estudante ansiava por um. Por isso desapareceu a União Soviética, incapacitada de fornecer um dente de ouro a todos os estudantes, autóctones e estrangeiros (PEPETELA, 2002, p. 127).

Os aspectos políticos, embora se apresentem de modo tão conturbado e obscuro, parecem ser a tônica de *Jaime Bunda, Agente Secreto*, bem ao gosto de Pepetela. As denúncias se encadeiam a ponto de causar espanto. É o caso da aquisição da vivenda por Jeremias, o tio de Jaime, na época da independência, trecho que merece ser transcrito:

Nas convulsões antes da independência, o colono fez as malas e bazou para longe. Jeremias, que morava do outro lado da vala, numa barraca de madeira e adobe, agiu rapidamente. Instalou a família na vivenda, escreveu no muro “Ocupada por camarada do MPLA”. Tia Sãozinha estava com medo, nos vão pôr na rua e já nem a barraca recuperamos. Mas quem é que tem coragem?, escrevi que é do MPLA, ninguém mais brinca conosco. De facto ninguém reclamou. Muito depois da independência, fez contrato com o Estado, que entretanto tinha confiscado as casas abandonadas pelos donos, e passou a pagar uma renda muito baixa. E quando nos anos 90 começou o processo da venda dos imóveis estatais, comprou a vivenda por um preço ainda mais simbólico. O trabalho foi ter de andar desta repartição para aquela e levar documentos de um funcionário para o outro, dentro da mesma repartição, durante meses, num processo burocrático de assustar o mais corajoso dos guerreiros. Não desistiu, perdeu dias e mais dias de trabalho, o que de facto não era grande problema, quem perdia não era ele, era o mesmo Estado para o qual trabalhava e que criava uma teia inextricável de burocracia para se desembaraçar das casas que já não queria administrar (PEPETELA, 2002, p. 50).

Verificam-se, nessa passagem, várias críticas, como a busca inescrupulosa pela obtenção de vantagens pessoais (ora, se quem assumiu o poder após a independência foi o MPLA, então, bastou que se pusesse uma placa do partido na frente da casa ocupada para não correr o risco de ser retirado dela?), a legalização das irregularidades, a vergonhosa burocracia e o desperdício dos recursos estatais dela advindos. Em outras palavras, é o próprio Estado quem cria a celeuma e a torna circular, recorrente, fator que

incorre para seu enfraquecimento e descrédito perante os próprios cidadãos. Ainda sobre a corrupção, vejamos o que é narrado sobre o tráfico de cerveja e de diamantes:

Tráfico ilícito, pois claro, enquadrado no artigo tal do Código Penal. Em dias de grande honestidade intelectual, o estagiário tinha de reconhecer que nem sabia se ainda era tráfico ilícito, pois tão generalizado estava. Além do mais, a kamanga era legalizada quando convinha politicamente ao governo, por uma razão que lhe escapava, para logo a seguir voltar a ser criminalizada, por outra razão ainda mais obscura (PEPETELA, 2002, p. 51).

Denúncias que também merecem referência são as tocantes ao emprego do erário, gasto indistintamente, sem licitação ou concorrência, o que notamos em passagens como “o Bunker não tinha orçamento, quer dizer gastava à vontade o dinheiro que fosse preciso” (PEPETELA, 2002, p. 29) e em que fala da diversidade dos valores dos cartões destinados aos salários, pois “o cartão do Bunker era dos privilegiados, se levantava bué de cerveja com ele, pois dava acesso à Loja dos Dirigentes, melhor que a Loja dos Responsáveis, por sua vez incomparavelmente melhor que as lojas dos Quadros, um paraíso em comparação com as do Povo-em-geral” (PEPETELA, 2002, p. 64). Outro trecho bastante elucidativo é o da perseguição ao Tenebroso T, que sai do escritório no meio da tarde para um banhozinho de mar: “Assim se gastava todo o dinheiro do Estado” (PEPETELA, 2002, p. 116).

Como não poderia deixar de acontecer, a Igreja também é criticada e leva o seu carinhoso “tapa com luvas de pelica”:

Na Cidade Alta tudo é perto, sendo o melhor exemplo o facto de o Palácio do Arcebispo estar mesmo ao lado do Palácio do Governo, poder temporal e espiritual irmamente vizinhos, ligados provavelmente por algum subterrâneo ou porta camuflada para os encontros secretos (PEPETELA, 2002, p. 122).

Ironias assim demonstram o distanciamento do povo com o Poder, quer dos homens, quer da Igreja; é considerado, de certa forma, um risco à incolumidade e aos interesses particulares dos representantes, fatos que notamos em trechos como: “Na Cidade Alta estavam proibidos os vendedores ambulantes, pois um carrinho pode representar um perigo para um sítio onde está o Palácio do Governo, o Episcopado e vários ministérios e serviços vitais para o país” (PEPETELA, 2002, p. 116) e “T

desviou do Futungo, foi dar a volta obrigatória dos cidadãos comuns que nem podiam olhar a Presidência, pelo perigo de ficarem ofuscados pela intensa luz do Poder de Estado” (PEPETELA, 2002, p. 111).

Mas deixemos a política um pouco de lado para voltar ao tema da não casualidade em *Jaime Bunda, Agente Secreto*. O nome da menina de quatorze anos violada e morta, Catarina Kiela Florêncio, por exemplo, combina exatamente com o seu papel no romance: o prenome Catarina vem do grego, *kátharos*, quer dizer pura, imaculada, e Florêncio, o patronímico, é derivado do teutônico e significa espécie de vida, correspondendo a pessoas racionais e objetivas em suas ações. Pois não é esse o perfil da personagem quase criança – e, portanto, ainda sob o signo da pureza – que foi violada e morta depois de apanhar carona num automóvel grande e preto?

Outro exemplo é Chiquinho Vieira, o inspetor do Ministério do Interior. Francisco quer dizer relativo aos franceses e diz respeito a pessoas de caráter firme e audaz, que, porém, encontram problemas no relacionamento social por ambicionarem a prevalência de sua opinião. É exatamente como se mostra Chiquinho no curso da narrativa (a cena em que Jaime persegue o carro do Tenebroso T e, ao descobrir-lhe o nome, pede a ficha ao chefe Chiquinho, que, atarantado, determinou ao estagiário que se afastasse daquela pessoa – capítulo 9 do "livro do primeiro narrador" – é bem elucidativa). Uma observação relevante é a de que o nome do inspetor, afinal, aparece sempre no diminutivo, Chiquinho, inferiorizando-o hierarquicamente na corporação dos SIG. Tal fato nos remete, mais uma vez, à antiga ideia da polaridade entre os SIG e o Ministério do Interior como a havida entre a UNITA e o MPLA: o que deveria ser complementar assume vozes contrastantes, colaborando para a desintegração do país.

Mais uma personagem que merece ser invocado é Bernardo, o motorista que servia Jaime durante as investigações do "caso Catarina". Seu nome significa forte como um urso e indica pessoas com pouco entusiasmo para inovar ou improvisar, mas que se dão bem com a rotina. É exatamente o perfil do rapaz, que sequer sabe perseguir sem ser notado, mas que exerce o seu ofício de motorista com gosto e obstinação.

Também não nos referimos, senão de passagem, ao modo como as atenções para o homicídio da menor foram transpostas para a rede de corrupção instalada em Luanda. Cremos que agora seja uma oportunidade apropriada: o estagiário, por estar sem pista nenhuma e para ocupar o tempo, resolveu interrogar Salukombo, a última pessoa que

havia visto Catarina com vida, a apanhar carona. Não sabendo a marca do automóvel, indicou o primeiro que viu à frente, grande e preto, ao que Jaime resolveu seguir, descobrindo a ponta do *iceberg* que levou à investigação do mundo das falcatruas e da corrupção: o Poderoso T é quem dirigia o carro, o mesmo cuja ficha negou fornecer o chefe Chiquinho. Desde então, torna-se extremamente difícil narrar todos os acontecimentos de *Jaime Bunda, Agente Secreto*. Para quem ainda não leu a obra, adiantamos mais alguns dados: o Diretor de Operações, parente do estagiário, tomando conhecimento de que a investigação se voltava para T, proporcionou ao primo todos os instrumentos necessários para que em tal atividade continuasse, ainda que sob o desmando de Chiquinho Vieira, a rigor, o chefe imediato de Jaime. Dessa forma, a teia de delitos ligados ao descaminho, ao tráfico, à corrupção, enfim, é descoberta, ainda que os autores estejam sempre muito bem protegidos sob a égide do poder.

Tanto reiteramos a corrupção no seio político e, no entanto, nada mencionamos a respeito da vivenciada nas ruas, partida do próprio povo que, guardando-se as devidas diferenças, tem também, como no Brasil, o seu "jeitinho angolano" para tudo:

Quem precisasse de um carro de segunda mão, muitas vezes roubado mas de origem impossível de identificar, no Roque o podia comprar e mais à carta de condução e ainda tinha uma lição rápida, pelo menos para aprender a levar o veículo até casa. Quem quisesse ir aos Estados Unidos mas estivesse por alguma razão incapacitado para tal, não tinha maka, comprava passaporte já com visto de entrada, gentileza de um americano que viera para Angola ensinar democracia em cursos de duas horas e tivera acesso aos carimbos protegidos pelo FBI, CIA e PQP (PEPETELA, 2002, p. 84).

E por falar em Brasil, o Roque Santeiro, espécie de mercado livre onde se encontra de tudo, teve seu nome originado de uma telenovela de sucesso (quem não se lembra do Sinhozinho Malta lambendo os pés da viúva Porcina?). Brasil também foi nome de uma avenida, depois modificado, fato com o qual não se conformava Bernardo: “o Brasil, país irmão, foi o primeiro a reconhecer a independência de Angola. Como paga, tiraram de vez o nome de Brasil à avenida, deram o nome de Hoji ya Henda” (PEPETELA, 2002, p. 92).

Envolvimentos passionais ou interesses em alta?

Sobre dois assuntos ainda nos apetece falar. O primeiro, relativo ao posicionamentos de duas das figuras femininas presentes na obra: Florinda e Malika; o segundo, tocante aos indícios de homossexualidade de Armandinho. No romance policial ou de detetive, “o detetive não costuma envolver-se afetivamente com outras personagens da trama” (KOTHE, 1994, p. 108). Essa assertiva, no entanto, não é de todo válida para *Jaime Bunda, Agente Secreto*: é certo que Florinda não chega a namorada de Jaime, podendo ser considerada, isso sim, um "caso" do rapaz. Melhor mesmo, seria dizer de Jaime um "caso" de Florinda, pois é ela a grande manipuladora, a interessada em tirar proveito da condição privilegiada em que se encontrava o estagiário na corporação dos SIG para prevenir os passos do marido em seus negócios ilícitos. Havia, pois, na relação de Jaime e Florinda, algo mais que o simples relacionamento afetivo. Amor, pelo que se verifica, só havia da parte dele, que ela se fez calculista em defesa de outro, o próprio marido. Para auxiliá-lo Florinda mantinha relações sexuais com Jaime, fazendo dele o que bem queria. Tanto isso é verdade que, ao perceber que o estagiário esgotara todas as informações que poderiam ser úteis aos negócios e, mais, tendo sabido que ele, por ciúme, contratara Antonino das Corridas para quebrar a perna ao seu marido, não logrou em despedi-lo entre tapas, arranhões e xingamentos.

Malika, por sua vez, é, além de narradora do "segundo livro", a mulher trazida por Said para servir como "isca" em seus negócios. Melhor explicando, o árabe sabia que seu pretenso companheiro de contrabando ou descaminho era fascinado por mulheres comprometidas e resolveu fingir-se casado, atraindo a atenção do sócio para a mulher e ambicionando, assim, auferir maiores lucros. Desmontado o esquema da falsificação da moeda, Malika foi encerrada num quarto e, visando ver sua pena amenizada, escreveu o "livro do segundo narrador" sob a forma de relato, narrando tudo quanto sabia sobre a operação sinalizada por Said.

Verificamos, então, o comportamento das duas mulheres mais presentes em *Jaime Bunda, Agente Secreto*. Duas, porém, completamente diversas: Florinda é manipuladora, Malika é manipulada; Florinda encerra as relações com Jaime quando bem entende, Malika vê finalizado o seu aparente relacionamento sem que para tal tenha colaborado. De qualquer modo, agem com vistas a beneficiar o seu respectivo homem.

O outro assunto que merece comentário é relativo à homossexualidade de Armandinho. Há várias passagens que invocam o encantamento do dito Land-Rover dos

SIG pelas generosas nádegas de Jaime Bunda: “Armandinho era um baixote e gordinho que tinha uma atracção fatal pelas nádegas de Jaime, embora não o confessasse” (PEPETELA, 2002, p. 56). Fascínio maior lhe provocam as coxas do estagiário, pois vivia dando palmadinhas nelas. Além dos leves toques, Armandinho, de vez em quando, servia-se de vocativos para atrair a atenção do estagiário: “Está descansado, meu anjo, vou já tratar disso” (PEPETELA, 2002, p. 120). Há, também, indícios de ciúme quando percebe o amigo a observar Malika: “A lembrança da coxa clara emergindo no luar não saía da cabeça do estagiário, um eterno romântico. Por isso lhe deu o braço para ela se apoiar, o que provocou o mau humor de Armandinho, possivelmente uma ponta de ciúme” (PEPETELA, 2002, p. 266).

Uma pequena nota sobre os excessos "bundescos" para encerrar

Para finalizar este artigo, não poderíamos deixar de fazer uma pequena crítica: parece que Pepetela, visando conquistar o gosto dos leitores, ousou enveredar-se pelo gênero que aparenta o policial, e que, no entanto, acaba mesmo retornando ao seu estilo particular de denúncias sociais e políticas. Daí porque, provavelmente, *Jaime Bunda, Agente Secreto*, tenha obtido êxito.

O mesmo, no entanto, não podemos dizer do segundo livro da "série" *Jaime Bunda*, publicado em 2003 com o título *Jaime Bunda e a Morte do Americano*. Se o volume de estréia foi pitoresco e inovador, apresentando uma personagem *kitsch*, mexendo com os nervos do leitor diante das demissões dos narradores, da confusão dos gêneros, dos desvios do crime que pretextou a obra, das entrelinhas permitidas e dos conflitos arrematados, igual não podemos dizer do segundo, pois nele a própria personagem Jaime Bunda perde o ar parvalhão que tanto a caracterizou e assume ares respeitosos à beira da formalidade e deformadores de sua personalidade original.

Do mesmo modo, as denúncias e ironias, tão refinadas em *Jaime Bunda, Agente Secreto*, tornam-se, em *Jaime Bunda e a Morte do Americano*, escassas e insossas, revelando uma trama extremamente linear e, por isso, bastante previsível. Não fosse a publicação de um pretenso "repeteco", os aplausos a *Jaime Bunda* seriam maiores.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOTHE, Flávio René. *A Narrativa Trivial*. Brasília: Editora UNB, 1994.

NUTO, João Vianney Cavalcanti. Grotresco e Paródia em *Viva o Povo Brasileiro*. Disponível em: <<http://members.tripod.com/~lfilipe/grotresco.html>>. Acesso em: 15 dez. 2003.

PEPETELA. *Jaime Bunda, Agente Secreto*. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

_____. *Jaime Bunda e a Morte do Americano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

RIBAS, Óscar. *Dicionário de Regionalismos Angolanos*. Lisboa: Contemporânea, 1994.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A Magia das Letras Africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora, 2003.

FROM JAMES BOND TO JAIME BUNDA: SUBVERSION BY PARODY

ABSTRACT

This article refers to the Angolan novel *Jaime Bunda, Agente Secreto*, by Pepetela, highlighting the presence of parody in the relation between the novel and the detective novel genre formula for mass consumption. *Jaime Bunda, Agente Secreto* goes beyond triviality passing through parody. Nothing in the novel seems to be anchored in the incidental; the symbology and the entanglement are evident as the narrative develops in a huge spectacle of underlying meanings. The political aspects, though presented in a disturbed mode, seem to be the keynote of the novel, to Pepetela's taste.

Keywords: angolean literature, novel, pepetela, *jaime bunda*, *agente secreto*.